

**CIÊNCIA, ORDEM E EDUCAÇÃO: A AÇÃO MÉDICA NA
IMPrensa DE MONTES CLAROS/MG NAS PRIMEIRAS
DÉCADAS DO PERÍODO REPUBLICANO***

*CALEIRO, Regina Célia Lima***

*SILVA, Luciano Pereira da****

Resumo: Este artigo destaca o município de Montes Claros, região norte do estado de Minas Gerais, com ênfase na análise dos discursos médicos publicados em jornais locais nas primeiras décadas do período republicano. A análise demonstra a ação de uma elite local, formada especialmente por médicos que, atenta aos preceitos higienistas, imprimiu sua voz tanto nos periódicos como na própria administração da cidade.

Palavras-chave: higienismo, sanitarismo, médicos, imprensa.

Abstract: This article highlights the Montes Claros, north of the state of Minas Gerais, with emphasis on analysis of medical discourses published in local newspapers in the early decades of the republican period. The analysis shows the action of a local elite, formed especially by doctors that, given the sanitary precepts, printed his voice both in journals such as the proper administration of the city.

Keywords: hygienism, sanitarianism, medical, press.

* Pesquisa financiada pela FAPEMIG

** Doutora em história pela UFMG, professora do programa de Mestrado em História. – UNIMONTES.

*** Doutor em Educação pela UFMG, professor do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em, Estudos do Lazer - UFMG .

Resumen: Este artículo destaca o município de Montes Claros, região norte do Estado de Minas Gerais, com ênfase na análise dos Discursos Médicos publicados em jornais locais nas primeiras décadas do período republicano. A análise demonstra um ação de uma elite local, especialmente formada por médicos que, atenta aos preceitos higienistas, imprimiu sua voz del tanto nos periódicos como na administração da cidade.

Palabras clave: higienismo, sanitarismo, médicos imprensa

No Brasil nas primeiras décadas do século XX ocorreram intensos debates sobre as condições de saúde da população sertaneja. Embasava o debate a crença no papel social da medicina e a busca de uma maior integração do território brasileiro. A discussão foi alimentada, sobretudo, pelos dados divulgados pelas expedições científicas promovidas pelo Instituto Oswaldo Cruz, que repercutiram nacionalmente. Porém, o estopim para o acirramento das discussões foi o pronunciamento, em outubro de 1916, do médico Miguel Pereira, em discurso de recepção a um colega da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro que chegava de viagem da Argentina. Ao criticar aqueles que duvidavam da incidência da doença de Chagas, recém-descoberta, no sertão brasileiro, afirmou: “o Brasil é ainda um imenso hospital”. O discurso, publicado na íntegra em um periódico carioca, alimentou o debate sobre as questões sanitárias no interior do país. De acordo com Sá (2009), vários jornais das capitais e do próprio “sertão doente” passaram a tratar do tema e a defender ou combater a afirmação de Miguel Pereira e os dados levantados pelas expedições científicas.

Este artigo trata do debate registrado pela imprensa periódica em um dos locais entendidos como “sertão doente”, a região norte de Minas Gerais. Nesta tarefa, utilizou como fonte o que foi publicado em dois dos principais periódicos da região: o jornal Montes Claros e o jornal Gazeta do Norte. O texto discute a divulgação em Montes Claros das ideias que associavam higiene e civilização e sua relação com a construção da nacionalidade nas primeiras décadas da Primeira República no Brasil. Parte do pressuposto que a presença desta temática na imprensa e nas preocupações político-administrativas esteve relacionada a atuação de uma elite esclarecida – especialmente de origem médica – que imprimiu sua voz tanto nos periódicos como na própria administração da cidade.

Os jornais impressos das primeiras décadas do período republicano brasileiro permitem investigar as concepções da elite, já que integram os instrumentos adotados por esse grupo para difundir ideais e educar a população. Vieira enfatiza a contribuição deste tipo de fonte quando se estuda as cidades. Para o autor:

A imprensa permite uma ampla visada da experiência cidadina: dos personagens ilustres aos anônimos, do plano público ao privado, do político ao econômico, do cotidiano ao evento, da segurança pública às esferas cultural e educacional. Nela encontramos projetos políticos e visões de mundo e vislumbramos, em ampla medida, a complexidade dos conflitos e das experiências sociais (VIEIRA, 2007, p. 13).

O jornal Montes Claros tinha como redator e proprietário, durante quase toda a sua existência, o farmacêutico Antônio Ferreira de Oliveira, diplomado pela Escola de Ouro Preto. O bacharel chegou a Montes Claros em 1912 para estabelecer-se como farmacêutico, mas logo acabou envolvendo-se também com a política local e com o jornalismo.

Já o jornal Gazeta do Norte teve seu primeiro número publicado em 06 de julho de 1918. Impresso em tipografia própria foi fundado pelo Dr. José Tomaz de Oliveira, pernambucano bacharel em Direito que se mudou para Montes Claros no final do século XIX. Teve atuação política destacada, chegando a ser atacado mais de uma vez por opositores.

O sertão norte mineiro no alvo de higienistas e sanitaristas

Importa lembrar que desde a década de 1910 a região norte do estado de Minas Gerais, tradicionalmente identificada como “sertão”, passou a preocupar a comunidade nacional, tanto acadêmica quanto política, fato que justificou uma ação mais efetiva do governo federal no âmbito das políticas de saneamento e saúde pública.

A descoberta dos sertões, dos seus habitantes abandonados e doentes e a possibilidade de curá-los e de integrá-los à comunidade nacional fomentou o ideal sanitarista deste período que acreditava na construção de uma nação brasileira livre do determinismo racial e climático como explicação do Brasil e dos brasileiros (HOCHMAN, 1998, p.61).

Em Montes Claros, considerada “a capital do sertão norte mineiro” os debates em torno das questões das políticas de saneamento e saúde pública também ocuparam papel de destaque na imprensa periódica. No jornal “Montes Claros”, diversos textos tratavam diretamente do tema em pelo menos 15 edições. Geralmente ocupando o espaço do editorial (primeira página), estes textos começaram a ser publicados em dezembro de 1916, apenas dois meses após a publicação do discurso de Miguel Pereira, e receberam os seguintes títulos: “Pelo Sertão”, “Saneamento dos sertões”, “Uma campanha benéfica”.

Pelo Sertão

[...] Diversas são as molestias que, endemicamente, flagellam a zona do sertão [...]. Com brilhantismo e erudição, fallou do assumpto o dr. Miguel Pereira [...]. Que a região sertaneja é perseguida por molestias endemicas e que muitos homens desta zona são uns verdadeiros inutilizados, é um facto – ninguem o contesta, sem correr o risco de cahir no descredito dos bem intencionados; mas o que é tambem um facto que ninguem poderá negar, sob a mesma pena, é que, ao lado dos paludicos, anquilostomisiados e dos cretinicos, muitos homens validos, verdadeiros repositorios de saúde, ha por aqui e por ahi além, numa actividade franca e compensadora de accordo com o meio. [...] Em summa – o sertão possui endemias que prejudicam enormemente parte de seus habitantes; precisa portanto, do auxilio do governo, do braço forte dos homens de representação para que possa, em dias não remotos, vêr as suas terras saneadas e povoadas de homens todos validos e capazes para o trabalho – unico factor que um dia tornará grande o Brasil e respeitada a Patria [...] (MONTES CLAROS, 14 de dezembro de 1916, ano I, n. 32, p. 1).

Pelo Sertão

[...] Um outro illustre medico brasileiro, o dr. Afranio Peixoto, em brilhante monographia ácerca da salubridade do Brasil, assim se externa: [...] “A saude, no globo, é independente da fatalidade das latitudes: é uma conquista do esforço e do conhecimento humano”. A materia de que estamos tractando não é, pois, nova: é um assumpto que de longa data preocupa os nossos homens de sciencia que, graças à sua tenacidade e esforço, muito teem conseguido dos poderes publicos em beneficio de certos e determinados pontos do paiz. [...] Não é somente nos sertões de Minas, mas tambem no interior de quasi todos os Estados brasileiros, que as endemias campeiam sobranceiras e orgulhosas, fazendo a sua colheita annual de milhares de vidas, já inutilizando para sempre muitas, já apagando para todo sempre outras. Ao lado do hematozoario e do trypanosoma que por aqui permanecem, sendo a cada passo, diariamente mesmo, innoculados pelos seus vehiculadores proprios – *morissoca e barbeiro* – existe o treponema da sypphilis a se transmitir de geração em geração, tornado-as rachiticas e enfesadas. E todas estas entidades morbidas, verdadeiros espantalhos da

civilização e progresso de um povo, só cedem a uma prophylaxia systematica e rigorosa; e está só pode ser posta em pratica com o auxilio dos governos e intervenção efficaz dos homens de sciencia e representação popular (MONTES CLAROS, 18 de janeiro de 1917, ano I, n. 36, p. 1).

Os textos publicados nos jornais afirmavam o grave problema das doenças que dominavam boa parte do Norte e Nordeste do país, chamado de sertão, região em que se inseria o norte de Minas Gerais, se não geograficamente, mas pelas características sociais da região. Nos textos, a aceitação das denúncias dos médicos cariocas (e o clamor por ajuda governamental), convivia com a defesa das potencialidades da região, através do combate aos supostos “exageros” que poderiam ser cometidos com a descrição da saúde da população norte-mineira. É preciso lembrar que uma região de desvalidos não poderia almejar a participação nas decisões sobre o futuro do estado e do país, em um contexto de tentativa de afirmação política dos estados recém-incorporados à lógica federalista da República brasileira.

Além do enfrentamento do pessimismo desanimador de uns e do otimismo exagerado de outros, os textos também enfatizavam a valorização do conhecimento científico, expresso especialmente no papel dos médicos. Os profissionais atuantes na cidade personificavam o homem moderno que recebera formação científica para intervir na realidade, inclusive com a defesa de teses (requisito para conclusão da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro) sobre os principais males que afligiam a população.

Destaca-se também a propagação do ideal do trabalho, requisito indispensável para o progresso social, argumento que compôs o discurso higienista e sanitarista que agia em prol da mudança de hábitos da população.

Se na Europa os discursos e as medidas higienistas voltadas para a desordem urbana eram motivados também pelo ajustamento da força de trabalho às novas exigências da produção industrial, no caso brasileiro o apelo para a relevância do trabalho harmonizou-se com dois projetos das classes dominantes: sobrepujar o “atraso” do país frente a locais “civilizados” e salvar a nacionalidade via regeneração do povo. Nessa lógica, o disciplinamento ditado pelos fundamentos científi-

cos era, mormente, fruto da representação social negativa, racista, para com os integrantes das classes subalternas (PATTO, 1999).

De acordo com Lima (1999), o discurso de Miguel Pereira e o posterior debate sobre o tema difundiram no Brasil um dos principais símbolos da crítica social e política da República no país, a imagem do Brasil - Hospital.

Para combater a situação calamitosa da região de Montes Claros, inserida no quadro desalentador descrito, foram organizadas, a partir do ano de 1918, uma série “conferências médicas” com o fim primordial de instruir a população sobre as enfermidades que costumeiramente atacavam o norte de Minas Gerais. Matéria publicada em 13 de outubro de 1918 no jornal Montes Claros noticia o objetivo de tais conferências “promovidas pelos distintos facultativos desta cidade. Ambos [os palestrantes] conseguiram produzir aos numerosos assistentes a compreensão perfeita dos males sobre os quaes discorreram, tanto pela clareza, concisão e elegancia da linguagem, como pelo valor scientifico de suas orações” (MONTES CLAROS, 13 de outubro de 1918, ano II, n. 98, p. 4). Entre outros temas, as conferências trataram da higiene, da moléstia de Chagas e da sífilis.

Uma campanha benefica

[...] Fala-se no correr dessa campanha (Saneamento do Brasil – a partir dos dados levantados por Belisario Penna), em prophylaxia, hygiene, meios evitaveis do contagio pernicioso e outras cousas muitas... Como, porém, comprehender o povo o que isto tudo significa, si a mais completa ignorancia o envolve e subjuga nas suas malhas? A nossa ignorância é tanta, e principalmente das populações ruraes e sertanejas, que, só em procurarmos os enfermos em uns casebres e choupanas como fito nobre e humanitario de incutir-lhes essas noções, elles fugirão de nós e até se revoltarão. Que fazer, pois, como ponto de partida ou inicial do saneamento? Crear escolas e diffundir o ensino por todos os meios possiveis e applicaveis. Educar e instruir um povo, é despertar as suas energias, é tornal-o consciente de seus actos e do importantissimo papel que cada individuo representa no conjuncto de uma nação, é fazel-o cuidar de si e de sua patria. A. FERREIRA OLIVEIRA (MONTES CLAROS, 04 de outubro de 1918, ano II, n. 97, p. 4).

As conferências realizadas foram mais uma iniciativa que integraram o esforço de segmentos da sociedade para educar a população. Independentemente do tema tratado, havia o pressuposto da necessidade urgente de informar os indivíduos para que se garantisse a caminhada para o progresso. Nesse sentido, as ações

sistemáticas de combate às enfermidades do sertão, necessidade apontada pelos médicos sanitaristas, careciam de serem acompanhadas de um processo mais amplo que educasse as pessoas.

Entre as doenças que assolavam o sertão, destacava-se a recém descoberta moléstia de Chagas, que despertava intenso debate entre os sanitaristas brasileiros.

A moléstia de Chagas

(Conferência médica pronunciada pelo dr. Marciano Alves Mauricio, Delegado da Liga Pró Saneamento e Membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Bello Horizonte)

O grito de guerra ás endemias proferido pelos grandes campeões do saneamento da nossa querida Pátria, Profs. Miguel Pereira, Carlos Chagas e Belisario Penna, fez vibrar impetuosamente e com entusiasmo a corda sensível do meo patriotismo, guiou-me pela mão diante de vós e collocou-me no alto desta tribuna para dizer-vos com a maior singeleza e sinceridade, quaes as principaes causas do nosso aniquilamento, os males que infelicitam o sertão norte-mineiro e o conjuncto de medidas prophylaticas que devemos pôr em execução para combater a marcha progressiva das moléstias endemicas, melhorando e amenisando as nossas precarias condições de sanidade [...]. Coube a mim a insigne de falar-vos da ultima moléstia – a “Trypanossomiase americana” ou “moléstia de Carlos Chagas [...]”. A descoberta de Carlos Chagas empolgou o mundo scientifico, poz em destaque o Brasil, perante a civilização europeia, ou se me permitem o uso da phrase - «a Europa curvou-se mais uma vez ante o Brasil». [...] E tudo isso Carlos Chagas descobriu no ambito diminuto da objectiva de um microscopio e no espaço immenso coberto por um eco de anil do sertão norte mineiro [...]. Attraído pela curiosidade scientifica se propoz a percorrer os nossos Sertões, e deparou penalizado com esta população composta na sua maioria de individuos degenerados, aleijados, tolos, cretinos que habitam estas choupanas esparsas no nosso vasto territorio (MONTES CLAROS, 13 de outubro de 1918, ano II, n. 98, , p. 1-2).

Carlos Chagas descobriu a nova doença no ano de 1909, na cidade norte-mineira de Lassance, onde havia se instalado há cerca de dois anos para trabalhar no controle da malária que dificultava o avanço das obras da Estrada de Ferro Central do Brasil. A construção da estrada de ferro integrava um projeto nacional que visava ligar o Centro e o Nordeste do Brasil ao Rio de Janeiro.

A descoberta de Chagas teve grande repercussão nos meios científicos nacionais e estrangeiros, era a primeira vez na história da medicina que um mesmo pesquisador identificava o vetor, o agente etiológico e a doença causada por esse parasito (KROPF; AZEVEDO; FERREIRA, 2000).

Mas, alguns anos após a descoberta ocorreu o início de um debate sobre a posição defendida por Chagas de que a doença descoberta por ele grassava por vastas regiões do Brasil e, assim, devia ser tratada como uma relevante questão de saúde pública. Alguns estudiosos apontavam que não havia provas de que a doença ultrapassava os casos isolados de Lassance. Porém, para Chagas e os demais pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz, a doença de Chagas e outras endemias rurais careciam ser enfrentadas por um saneamento rural implantado de forma sistemática, mediante a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (KROPF; AZEVEDO; FERREIRA, 2000).

Nos anos 1910, a tese de Chagas sobre o caráter endêmico da doença que descobrira foi comungada pela classe médica de Montes Claros e, assim, a doença de Chagas integrou o conteúdo de assuntos tratados pelas Conferências Médicas. No discurso do médico Marciano Alves Maurício, reproduzido em parte anteriormente, sobreleva-se também a afirmação de que a descoberta “fez vibrar impetuosamente e com entusiasmo a corda sensível do meo patriotismo”, indicando que as questões sanitárias brasileiras do início do século XX relacionavam-se com o sentimento nacionalista em construção e com a afirmação da nação.

Conferencias

A quinta conferencia da serie levada a effeito nesta cidade, em beneficio do saneamento rural, teve por thema “A hygiene” e della se encarregou o sr. major Honor Sarmeto. Durante mais de uma hora o conferencista tratou do thema escolhido, começando pela hygiene em geral, e passando depois de definil-a, á hygiene da creança, do adulto, das habitações ruraes e finalmente das cidades. A conferencia agradou geralmente embora não notasse a concurrencia que de outras vezes, encheu litteralmente o salão do “Cinema Recreio”, onde ella se realisou. Parece que o entusiasmo por essas conferencias vae arrefecendo devido ao facto, talvez, de irem ellas se transformando, em litterarias quando deviam ser antes scientificas. Para amanhã, por exemplo, segundo nos informa um dos distinctos membros da commissão, está annunciada uma outra que terá por thema – O saneamento moral. O assumpto não nos parece consentaneo com o fim a que deveriam ter em vista os iniciantes dessa magna idea de explicar ao povo, as medidas a tomar no interesse do saneamento de nossos sertões [...] (GAZETA DO NORTE, 26 de outubro de 1918, ano I, n. 17, p. 3).

A quinta conferência inaugurou a adoção de temas que desviavam dos conhecimentos científicos sobre as doenças que agoniavam o sertão. Mesmo que o tema (A Higiene) se relacionasse à saúde da população, os eventos haviam sido planejados inicialmente para tratarem das doenças endêmicas.

O jornal “Gazeta do Norte”, ao noticiar a ocorrência da quinta conferência, critica o tema escolhido e o fato de “irem ellas se transformando, em litterarias quando deviam ser antes scientificas”. Uma possível explicação para essa crítica reside no fato de que o conferencista, Major Honor Sarmiento, reconhecido poeta e professor de português integrava o grupo político adversário dos dirigentes do jornal “Gazeta do Norte”. Apesar do conferencista anterior, Marciano Alves Maurício, também compor este grupo, ele exercia a profissão de médico e, assim, ocupava um lugar visto reconhecido como legítimo para discursar sobre os hábitos que a população deveria adquirir. Já Honor Sarmiento, além de professor e poeta era advogado e político, sob a influência do líder Honorato Alves¹, chegando inclusive a ser um dos editores do jornal Montes Claros em sua segunda fase.

Para ampliar os efeitos das “conferências médicas”, além de divulgar seu acontecimento, os jornais publicavam na íntegra as palestras proferidas. Devido à extensão das falas, frequentemente adotava-se a estratégia de dividi-las em três ou quatro partes que eram publicadas semanalmente. Dessa forma, o esclarecimento sobre o combate e principalmente sobre a prevenção das doenças que assolavam a região era difundido também pela imprensa, atestando seu caráter educativo e político.

A origem (a motivação) dessas conferências relacionava-se diretamente ao acirramento do debate sobre as condições higiênicas e sanitárias no interior do país. No século XIX, segundo Silva (2008), o Brasil era visto por muitos cientistas como um exemplo de que a miséria e as doenças eram determinadas, sobretudo, por dois fatores: a intensa miscigenação racial e as temperaturas elevadas. Entretanto, alguns cientistas, na tentativa de achar uma solução para o problema do país, passaram a repensar os determinismos, vinculando-os aos preceitos higienistas e sanitaristas.

“Nesse sentido, expedições foram feitas no interior do Brasil, constatando que as raças, a mestiçagem e o clima não eram suficientes para responder ao estado de

¹ Durante todo o Império e primeiras décadas da República, o poder na cidade de Montes Claros foi disputado por dois grupos: um deles liderado por Honorato Alves e conhecido como “Partido de Cima”; o outro liderado por Camilo Prates e conhecido como “Partido de Baixo”. Tais termos são referências a duas regiões da cidade onde localizavam-se duas importantes praças e perto de onde moravam os adeptos dos grupos. Tal divisão também refletia-se na imprensa periódica da cidade. O jornal Montes Claros defendia os interesses dos honoratistas e o jornal Gazeta do Norte o dos camilistas.

miséria e doença em que o país vivia” (SILVA, 2008, p. 61). As expedições, uma delas realizada por Belisário Penna e Arthur Neiva, tiveram seus resultados divulgados em jornais, inclusive em periódicos de Montes Claros.

As denominadas expedições científicas foram viagens pelo interior do Brasil realizadas entre os anos de 1911 e 1913 por médicos pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz, na época Instituto Soroterápico Federal, com o objetivo principal de conhecer os problemas médicos do país.

Para Lima (1999), essas expedições fundamentavam-se no pensamento de que na transição do século XIX para o século XX, a medicina não deveria ser considerada apenas para a manutenção da saúde, mas também para pensar a sociedade e promover a reforma social.

A ocorrência desses empreendimentos remete ao sucesso obtido por Oswaldo Cruz nas campanhas de combate à febre amarela e outras enfermidades no Rio de Janeiro. Assim, o Instituto e a Diretoria Geral de Saúde Pública tornaram-se parceiros de importantes iniciativas do governo federal que objetivavam a modernização do Brasil (MELLO; PIRES-ALVES, 2009).

Mesmo antes das expedições, integrantes do Instituto Oswaldo Cruz eram constantemente solicitados para atuarem em surtos epidêmicos em canteiros de obras pelo interior do Brasil. Em uma dessas missões, Belisário Penna e Carlos Chagas estiveram por volta de 1907 na região norte de Minas Gerais.

Depois que o eminente professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro Dr. Miguel Pereira deu o grito de alarma, ficou evidenciado que o saneamento do interior do Brazil é um dos maiores e mais urgentes problemas que estão a merecer a atenção dos poderes publicos. Belisario Penna e Arthur Neiva nomes illustres no campo da sciencia, em relatorio interessante sob todos os pontos de vista [...] revelou que o Brazil era um vasto hospital. Nesse relatório, os illustres comissionados do Governo, puzeram a nú que em vastissima zona de nosso paiz, havia cousas espantosas, no tocante á salubridade, provando que populações inteiras se achavam completamente abandonadas, mal abrigadas e mal vestidas, e o que é peor, atacadas por flagellos, até então não suspeitados sequer pelos dirigentes do paiz [...] Impressionados por esse quadro [...] no nosso Estado o Decreto n 5.010 de 18 de junho deste anno, creou com applausos gerais, o serviço de prophylaxia rural [...] (GAZETA DO NORTE, 20 de julho de 1918, ano I, n. 3, p. 1).

O trecho transcrito também indica o início de uma ação do governo estadual para combater a carência detectada pelas expedições. Entretanto, a matéria jornalística ressalta que as ações estabelecidas no decreto eram tão complexas e de difícil execução que haveria uma grande chance delas ficarem somente no papel. Os jornais de Montes Claros (jornal Montes Claros e jornal Gazeta do Norte), além de divulgarem o que era produzido a partir dessas expedições, travaram debate sobre o exagero ou não dos dados apontados pelos cientistas que diagnosticaram as condições sanitárias e higiênicas do interior do país.

O farmacêutico Antônio Ferreira de Oliveira, sobre a campanha denominada “saneamento rural”, afirmou reconhecer que se tratava de uma campanha benéfica, mas defendeu a ocorrência de exageros no texto de Belisário Penna, que apontou que 80% da população rural sofriam de alguma moléstia. Mesmo sem possuir dados estatísticos, para Oliveira, não passava de 50% o índice de população afetada. O farmacêutico combatia a afirmação de que “o homem do interior é um farrapo miserável, um trapo a tôa, devastado pela violência das infecções mais assustadoras, etc.” (p.3) Se assim fosse, para Oliveira, “o edifício nacional não estaria com certeza de pé, mesmo nas pungentíssimas condições em que o está” (p.3). Por fim, alertou para o fato de que muitas causas generosas no Brasil não obtinham sucesso devido a “esse modo insincero e irreal de agitar e proteger movimento tão nobre e elevado” (p. 4) (MONTES CLAROS, 01 de setembro de 1918, ano II, n. 93, p. 3-4).

Em edição de 10 de agosto, o também farmacêutico Antônio Augusto Teixeira colaborador do jornal “Gazeta do Norte”, rebateu o que foi publicado no outro periódico. Com uma argumentação extensa (que ocupa quase a totalidade da página do jornal), afirmava que os dados e afirmações de Belisário Penna não são exagerados, e fundamentava seus argumentos nas pesquisas realizadas por outros cientistas como Carlos Chagas, Plácido Barbosa e outros (GAZETA DO NORTE, 10 de agosto de 1918, ano I, n. 6, p. 2).

Mais importante do que a busca da verificação sobre qual dos argumentos possuía maior sustentação, importa destacar o espaço que investigações científicas e ações planejadas em decorrência de seus resultados ocupavam na sociedade mediante a presença desse tema nos jornais locais.

As próprias “Conferências Médicas” de Montes Claros, de acordo com notícia de jornal, foram uma resposta às informações colhidas e divulgadas pelas expedições científicas.

Saneamento Rural

A phrase forte de Miguel Pereira, afirmando, às escancaras, ser o Brasil um immenso hospital, não foi, certo, lançada a esmo para aterrorisar os leigos em medicina. [...] Ninguem ignora a quasi impossibilidade do saneamento directo dos rios, impossibilidade que se infere maximé pelos dispendios enormes, d’onde se conclue pelo exclusivismo dos meios de prophylaticos. E não só o impaludismo conduziu o cerebro robusto do eminente cientista patricio áquella dolorosa affirmação: factores importantes secundam-n’o, em relevo a anquilostomiase, a tuberculose, os effeitos do alcoolismo, etc. Desgraçadamente estas enfermidades, copiosas em todo o paiz, são particularmente profusas no norte de Minas, onde, n’um crescendo assustador, ceifam numerosas vidas quotidianamente. E qual o outro meio de arrancar á brutalidade da morte tantas victimas se não a prophylaxia? Attentando na efficiencia dos conselhos prophylaticos, os proficientes facultativos drs. A. Teixeira, João Alves e Marciano Mauricio accordaram em aventar uma serie de conferencias que, certo, serão intensamente concorridas por todo Montes Claros. A primeira conferencia será realisada pelo dr. João Alves e versará sobre a malaria. É de capital importancia que ninguem perca esta oportunidade de se prevenir contra muitos males, frequentando com assiduidade as preleções dos nossos medicos, ouvindo-lhes e acatando-lhes os sabios conselhos de profissionaes experimentados (MONTES CLAROS, 22 de agosto de 1918, ano II, n. 94, , p. 3).

Políticos e médicos sertanejos

O poder político dos médicos fica evidente quando analisamos quem ocupou o cargo de Presidente da Câmara e Agente Executivo em Montes Claros. Se tomarmos como recorte temporal as três primeiras décadas do período republicano, constataremos que dentre os 11 mandatos do período, oito foram ocupados por médicos. No executivo municipal, nas três primeiras décadas do período republicano, exerceram o poder os médicos Carlos José Versiani (1 mandato), Honorato José Alves (3 mandatos) e João José Alves (4 mandatos), que empenharam-se em diagnosticar os problemas de salubridade e ordenar o “corpo social” através de medidas sanitárias.

Carlos Versiani, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, após concluir o curso retornou para sua cidade natal. Em 1853 ingressou na política

local como vereador e presidente da Câmara. Posteriormente criou a Casa de Caridade através da Lei Provincial nº 1776 de 21 de setembro de 1871, hoje Hospital Santa Casa tornando-se seu provedor. Além disso, recebeu o título de delegado da Higiene, se responsabilizando pela questão do saneamento e salubridade do município (SANTOS, 2008). Mais tarde outros dois profissionais da medicina, Dr. Honorato Alves e Dr. João Alves fixaram residência em Montes Claros e assumiram cargos políticos e projetos sanitários e higienistas.

O anseio por adequações ao modelo higienista/sanitarista pela população de Montes Claros unia a elite local e desavenças políticas históricas foram colocadas de lado em prol de um ideal reconhecido como imprescindível para a sociedade: o progresso, a civilização e a modernidade. Desta forma, não foi por acaso que além do jornal “Montes Claros” o jornal “Gazeta do Norte”, também apoiou e incentivou a ocorrência das Conferências Médicas.

Um fato que demonstra a união dos partidos antagonistas é o papel de conferencista ter sido ocupado por integrantes dos dois grupos rivais na política de Montes Claros. Nas três primeiras conferências, foram oradores os médicos Antônio Teixeira de Carvalho, membro do grupo que pertencia ao “Partido de Baixo”, João José Alves e Marciano Alves Maurício, membros do grupo que pertencia ao “Partido de Cima”.

Para além das desavenças políticas esses homens assumiam a responsabilidade social que se esperava de alguém que ocupasse a profissão de médico. Em um período de desejo e crença no progresso impulsionada pelo conhecimento científico, o médico tomava para si a missão de promover mudanças nas condições sociais permeada pelo atraso cultural que provocava diversas enfermidades. Para Lima e Hochman (2000, p. 314), “a ciência do início do século XX e, ainda, a ciência social institucionalizada a partir dos anos 30 podem ser consideradas as linguagens, por excelência, do processo de construção nacional”.

Ainda o Saneamento

Quando escrevemos nosso editorial do número passado sobre o “Saneamento rural” bem longe estávamos de supor que “a propaganda perseverante e intuitiva” que ali aconselhávamos tivesse prestes a receber um auxílio poderoso e eficaz, como o de que temos notícia. Pela nossa parte, como dissemos, iniciamos essa propaganda pela transcrição dos ensinamentos

de Belisario Penna e pelo editorial a que nos referimos. Agora, somos informados que os illustres clinicos aqui residentes, drs. João Alves, Santos Teixeira e Marciano Mauricio vão iniciar uma serie de conferencias sobre a prophylaxia das molestias mais usuas em [...] meio, de modo que o povo possa precaver-se contra tão terriveis males a que estão continuamente expostos. [...] Não temos applausos bastantes para secundar a obra meritoria desses esforçados campeões do bem, que pondo de parte interesses e commodidades vão encetar essa campanha que constitue uma das mais palpitantes necessidades – o saneamento desta zona, parte do nosso Estado [...] (GAZETA DO NORTE, 27 de julho de 1918, ano I, n. 4, p. 1).

A inquietação das classes dirigentes com os problemas que um suposto atraso cultural da população causava na sociedade impelia ao combate aos hábitos entendidos como representantes da degeneração humana. Os vícios do consumo de álcool e fumo e da prática do jogo deveriam ser enfrentados. A presença de tais mazelas era considerada extremamente grave, pois era comum à época a crença na hereditariedade destes hábitos, teoria que também contribuía para aproximar as ideias eugenistas que enfatizavam as questões raciais e higienistas.

Nesse sentido, se os hábitos perniciosos podiam ser hereditários, a regeneração social passava pela extirpação de vícios e o alcoólatra, por exemplo, juntava-se a um grupo de indivíduos desprezados composto, entre outros, por mendigos e prostitutas. Se não enfrentados, estes indivíduos perigosos poderiam impedir a caminhada civilizatória da sociedade.

De forma geral, a preocupação com o consumo do álcool na sociedade ganhou força na segunda metade do século XIX em países europeus como a França. No período, as autoridades atentavam-se não ao alcoolismo, mais aos efeitos da embriaguez vista como potencializadora de atitudes indesejadas. Beber de maneira abusiva passou a ser julgado, então, como um flagelo social que atingia com mais intensidade as classes populares. Com a propagação das teorias higienistas construiu-se uma representação negativa daquele que bebia excessivamente.

“O bêbado traz com ele a imagem de preguiçoso, daquele que gasta as economias poupadas na bebida, de preferência a comprar seu pão, e daquele cujos familiares suam em seu lugar. O homem que bebe, diz-se, é um homem pouco ocupado [...]” (NOURRISSON, 1990 *apud* CAMPOS, 2005, p. 126).

O discurso que aborda os malefícios do álcool na sociedade e a importância de seu enfrentamento foi registrado na imprensa de Montes Claros, como no trecho a seguir:

O Alcoolismo

Benéfica e animadora é a campanha que se desenvolve nos centros mais cultos do nosso país contra esse cancro da sociedade, demolidor das nossas energias físicas e morais – o álcool – Realmente, nenhum mal nos tem causado maiores prejuízos... O alcoólico é uma ruína de homem, um organismo depauperado, impregnado de álcool, cujo odor [...] incomodativo é um atestado eloquente da sua inferioridade [...]. E não fica só nesse infeliz todos os efeitos da intoxicação que ele vai fortalecendo com os repetidos *bates* de aguardente: - seus filhos são uns degenerados – vítimas inocentes do desregramento do pai infeliz! [...] (GAZETA DO NORTE, 16 de agosto de 1919, ano II, n. 58, p. 2).

A degeneração social provocada pelo vício é destacada no texto e atingiria também os filhos do alcoólatra, reforçando a teoria da hereditariedade de certos hábitos.

Em um país que se tornara recentemente uma República, tornou-se primordial a defesa da necessidade da força de trabalho do homem para a construção da nação; assim, o indivíduo que enveredasse pelo vício do álcool não cumpriria seu papel social. Além da perda da capacidade laboral, o consumo excessivo de álcool também era associado a todo tipo de desordem, vagabundagem e criminalidade. No combate a esse mal, segundo Matos (2000), os médicos assumiram vários papéis. Como higienistas e sanitaristas, lutaram contra o alcoolismo em várias campanhas; como legistas, discutiram as responsabilidades dos alcoólatras na ocorrência de crimes; e nos hospitais e manicômios procuraram aperfeiçoar tratamentos para os viciados, além de defender a necessidade de instituições especiais para abrigá-los.

Questões vistas à época como predominantemente morais, como o uso do álcool e a prática do jogo, também foram alvo das Conferências Médicas realizadas em Montes Claros, como registrado na notícia a seguir:

Conferencias

[...] Tratando do assumpto de sua conferencia, o dr. Herculino referiu se aos dous velhos males, sociaes: o álcool e o jogo. [...] Fez em seguida a apologia

do trabalho, recitando os soberbos versos de Castilho, que são o seu “hymno ao trabalho” e que a mocidade das escolas do Estado entoava diariamente em suas aulas. [...] (GAZETA DO NORTE, 02 de novembro de 1918, ano I, n18, p. 3).

A ofensiva dos preceitos higienistas com vistas ao consumo do álcool, foi direcionada também para o consumo de outra substância: o tabaco. Mesmo que, em um primeiro momento, seu consumo tenha sido aplicado em terapias, o uso do tabaco passou, a partir de meados do século XIX, a ser taxado de um hábito pouco urbano e pernicioso para a saúde do homem que fumava e de quem convivía com o fumante. Curiosamente, a propagação do hábito de fumar ocorreu justamente com o fenômeno da urbanização, além da criação do cigarro que permitiu o consumo mais ágil e prático do tabaco, antes principalmente mascado e consumido em charutos.

Para Gonçalves e Abreu (2001), a divulgação dos males do tabaco originou-se do conhecimento oriundo de experimentos feitos no campo das observações clínicas, da química e da fisiologia experimental na Europa e nos Estados Unidos, estudos cujo conteúdo já circulava no Brasil no século XIX. Prova disso, segundo os autores, foi o abundante número de teses sobre o assunto apresentadas na conclusão do curso médico nas Faculdades do Rio de Janeiro e Salvador desde meados dos Oitocentos².

A imprensa de Montes Claros também se dedicou ao combate ao uso do tabaco, sobretudo em ambientes públicos, onde a boa educação e a civilização não deveriam conviver com tal hábito.

O Fumo (Nicotina tabacum)

Nos centros civilizados, onde a boa educação, a hygiene e a policia, agem conjunctamente, para haver conforto e bem estar e segurança e asseio

² São exemplos de teses sobre o uso nocivo do tabaco: Constantino Machado Coelho, *Do Uso e Abuso do Tabaco* (1875); Antonio do Nascimento Silva, *Que moléstias predominam sobre os que se empregam nas fabricas de tabaco e charutos estabelecidas na cidade do Rio de Janeiro* (1852); João Joaquim de Gouvêa, *Do envenenamento pela nicotina* (1859); Francisco Joaquim Werneck de Almeida, *Do uso do tabaco e de sua influência sobre o organismo* (1869); João José dos Santos Ferreira, *Do uso e abuso do tabaco e da sua influência sobre a saúde* (1872); Ascânio Ferraz da Motta, *Considerações hygienicas sobre o uso do tabaco* (1846); João Baptista dos Anjos Junior, *Influência dos diversos modos de usar do tabaco* (1856); João Garcez de Mendonça, *Descrição acção physiologica e therapeutica do nicotina tabacum* (1858) (GONÇALVES; ABREU, 2011).

nos edifícios onde se aglomeram varias pessoas, entre as quaes, quasi sempre, entes de organismo delicado, não se admite absolutamente o uso do fumo que corrompe o ar, pertuba a vista, embota o olfacto e revolta os estomagos sensiveis, além do que offerecem os phosporos e cotos de cigarros, atirados sem cuidado para qualquer canto, de ser causa de incendio (MONTES CLAROS, 17 de agosto de 1916, ano I, n. 15, p. 2).

Os higienistas e sanitaristas republicanos preocupavam-se com o que pudesse degradar a saúde física do indivíduo e também sua plenitude moral. Coerentemente, o combate aos vícios compôs o rol de ações adotadas pelos jornais que divulgavam os códigos de uma vida moderna.

Outra mazela, o vício do jogo, também se configurava como alvo de ação de um saneamento moral que passava pela disciplina dos comportamentos individuais e coletivos. Assim, aquele que fosse viciado em jogos, personificava um indivíduo pernicioso em oposição ao cidadão trabalhador, elemento fundamental para uma sociedade que buscava a civilização.

Na cidade de Montes Claros, combater a prática do jogo caracterizou-se, inclusive, como uma intervenção nas práticas de diversão da população, concomitante com a valorização de vivências vistas como adequadas e instrutivas, como o cinema e o teatro.

Vida social

PROSPERA e se desenvolve infelizmente em nosso meio social, um dos grandes vicios da humanidade, desses que a corrompem e abalam, às vezes profundamente, em seus alicerces – o jogo [...].Leva os individuos que a elle se entregam a toda sorte de depravações, começando por alterara-lhes o character, depois a consciencia, depois o physico e depois tudo... O jogador profissional é um typo tarado para percorrer uma escola completa do crime. É um elemento perigosissimo que causa nojo e asco, em tudo semelhante á terrivel cascavel, occulta em sua hedionda furna á expreita de occasião azada para o bote certo e fatal. Os que do jogo vivem são verdadeiros delinquentes que perambulam ás soltas e livremente, em eterna e dolorosa affronta aos brios da sociedade [...] (MONTES CLAROS, 1º. de março de 1917, ano I, n. 42, p. 3).

Mudanças nos hábitos da população com a valorização do trabalho (combate à vadiagem) e a implantação de políticas higiênicas foram eixos norteadores do processo de modernização da cidade. Mesmo que estes não tenham se constitu-

ído como um conjunto de diretrizes harmônicas que instruiu as transformações ocorridas em Montes Claros, envolveram diferentes segmentos e instituições e retrataram o esforço e o desejo de superar o que era considerado atrasado para a localidade.

Para Carvalho as ações higienistas, afora o combate às doenças, deixam entrever as visões mais amplas que a elite construía acerca da sociedade. As campanhas civilizadoras compunham-se de ideais missionários abraçados por técnicos e cientistas que consideravam a periferia urbana supersticiosa e atrasada, portanto carentes de civilização. Para o autor, esses novos missionários “saíam das escolas de Medicina, da Politécnica, da Escola de Minas, da Escola Militar. Usavam métodos distintos de catequese, mas o evangelho era o mesmo: o progresso, a civilização, a modernidade”. (CARVALHO, 1998, p. 110).

Considerações finais

Longe do Rio de Janeiro, pólo irradiador do modelo civilizatório para o imenso território nacional, também atuaram os “missionários”, apontados por José Murilo de Carvalho. No sertão norte-mineiro, desempenharam o papel de baluartes da ordem e do progresso e assumiram o controle do poder político local.

Em geral, a formação da elite montesclarensense inicia-se no curso primário na Escola Normal, em Montes Claros, em seguida dirige-se ao secundário, no Caraça ou no seminário da igreja em Mariana e, posteriormente, ingressa-se nos cursos de Direito de São Paulo e nos de Medicina no Rio de Janeiro [...]. No final do Império, a cidade de Montes Claros já contava com uma presença significativa desses homens instruídos [...]. A bagagem de conhecimentos que traziam dava a eles uma posição de destaque na hierarquia social da cidade, pois a maior parte da população era formada de trabalhadores rurais e operários que não chegavam a frequentar a instrução primária.

Honorato Alves concluiu o curso de Medicina em 1890, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Posteriormente com apoio do Dr. Carlos Versiani ingressou na política, foi eleito vereador e presidente da Câmara, e sua gestão foi assinalada por vários investimentos na cidade: combateu uma violenta epidemia de influenza, projetou e deu início à construção do mercado municipal. (SANTOS, 2008).

Em carta enviada no ano de 1946, ao memorialista Hermes de Paula (2007, p. 298), Honorato Alves deixa clara a influência que recebera durante a sua formação e a importância de sua convivência com Oswaldo Cruz:

O grande realizador do saneamento do Brasil, com referência a idêntico mal, Oswaldo Cruz, que foi como já ficou dito meu discípulo e amigo, teve a fortuna de poder ir logo depois de formado, para a Europa, onde fez longos e completos cursos de bacteriologia. Pôde, por esta forma, prestar a nossa terra um serviço inestimável e tornar glorioso o seu nome. Quanto a mim, pessoalmente, não lastimo que em vez de Paris e Berlim, tenha me encaminhado para a cidade pequenina que era então Montes Claros, perdida no centro remoto do sertão de Minas.

De forma exemplar, o teor da carta acima transcrita confirma a influência das teorias difundidas pelas faculdades de medicina e assimiladas pelos jovens médicos. Alguns continuaram a morar nas grandes capitais, outros voltaram à terra natal, como os “sertanejos doutores”. Esses homens, cada qual à sua maneira, se dedicaram a difundir e os novos ideais de “ordem e progresso” republicanos.

Referências

CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRITO, Gy Reis Gomes. *Montes Claros: da construção ao progresso – 1917-1926*. Montes Claros: Unimontes, 2006.

CAMPOS, Edemilson Antunes de. *Alcolismo, doença e pessoa: uma etnografia da associação de ex-bebedores Alcoólicos Anônimos*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos, 2005. 206 f.

GONÇALVES, Huener Silva; ABREU, Deise Marinho de. Entre manuais e artigos: campanhas para o público leigo sobre o fumo e seus males no Brasil da primeira metade do século XX. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 13, n. 23, p. 127-145, jan./jun. 2011.

HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento*. São Paulo (SP): Hucitec/Anpocs, 1998.

KROPF, Simone Petraglia; AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. Doença de Chagas: a construção de um fato científico e de um problema de saúde pública no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 5, n. 2, p. 347-365, 2000.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Iuperj/Revan, 1999.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 5, n. 2, p. 313-332, 2000.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira de; PIRES-ALVES, Fernando A. Expedições científicas, fotografia e intenção documentária: as viagens do Instituto Oswaldo Cruz (1911-1913). *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online], v.16, suppl.1, p. 139-179, 2009.

NOURRISSON, Didier. *Le buveur du XIXe siècle*. Paris: Albin Michel, 1990.

PATTO, Maria Helena Souza. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. *Estudos Avançados*, v. 13, n. 35, p. 167-198, 1999.

PAULA, Hermes Augusto de. *Montes Claros sua história sua gente seus costumes*. Montes Claros: Unimontes, 2007.

SÁ, Dominichi Miranda de. A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o “imenso hospital”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, suppl.1, p.333-348, jul. 2009.

SILVA, André Luiz dos Santos. *A perfeição expressa na carne: a educação física no projeto eugênico de Renato Kehl – 1917 a 1929*. 2008. 141f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008.

VELOSO, Geisa Magela. *A missão “desalfabetizadora” do jornal Gazeta do Norte, em Montes Claros (1918-1938)*. 2008. 285 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. 2008.

VIEIRA, Carlos Eduardo. *Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo do relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920*. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (Org.). *Cinco estudos em história e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11-40.

